



Goiás é um campo aberto à produção de leite

Fernanda Mara Cunha Freitas
Leandro Ribeiro de Matos
Núcleo Regional Centro-Oeste
Embrapa Gado de Leite

Dentro do contexto do agronegócio brasileiro, a pecuária de leite é muito difundida principalmente em Goiás, se pensarmos em produção de leite anual, segundo Indicadores Leite e Derivados do Centro de Inteligência do Leite (CILEite), em 2009 a região Centro-Oeste estava em terceiro lugar na quantidade produzida, aproximadamente 4.222.256.000 litros destes Goiás participa efetivamente com pouco mais de 70%. Isso se deve muito à cultura local, muitas pessoas ligadas diretamente ou não ao ambiente rural alimentam o sonho de possuir uma propriedade com algumas vacas para tirar leite, priorizando a qualidade de vida e sobreviver da atividade.

Quando vislumbram uma propriedade leite, trabalham com imediatismo, curto prazo “se comprar 10 vacas com uma produção de 10 litros/dia, serão 100 litros total dia, em um mês terei 3.000 litros, colocando o preço médio bruto segundo Cepea, que para nossa região foi de R\$ 0,7613, teremos uma remuneração ao final do mês de R\$ 2.283,90”, se comprarmos ao salário mínimo, um ótimo salário.

Mas infelizmente não é tão fácil assim! Ser produtor e principalmente no Brasil é extremamente difícil, se luta contra pragas, doenças, plantas invasoras, insumos caros, impostos exorbitantes, atravessadores e no caso do produtor de leite a situação piora um pouco, pois além destes oponentes citados, temos as doenças, a desconfiança, oscilação de preço, a falta de assistência, e para piorar um pouco mais, se produz uma matéria prima que segundo especialista é à base da alimentação infantil, onde os preços altos pago ao produtor influenciam diretamente no custo de vida da população. Portanto produtor de leite tem que ser um bom agricultor, administrador e um excelente pecuarista, além de ser um herói, pois luta pela sobrevivência de sua atividade, matando um leão por dia.

Em 2000, Goiás detinha o título de segundo maior produtor brasileiro, ficando atrás somente de Minas Gerais, em 2009, nosso estado era o quarto lugar, sendo ameaçado por Santa Catarina que teve um aumento de produção 2009/2008, maior que Goiás, 5,3% e 4,5%, respectivamente. Ainda não tivemos acesso aos dados atualizados do ano 2010, mas segundo conversas de bastidores com alguns empresários da cadeia leiteira, Goiás teve uma queda na captação, caso que só poderemos afirmar futuramente.

O ano de 2010 foi atípico aos anteriores, e todos os produtores sofreram com a queda no preço do leite na entressafra, de acordo com dados do CILEite, em Goiás a média do preço de leite (sem impostos) em maio/2010 era de R\$ 0,822 em setembro/2010 já

estava R\$ 0,690, uma redução de aproximadamente 17%, mas de acordo com dados da FAEG o preço pago ao produtor caiu 13%, desde o início do ano. Sobre a possível causa, muito se falou de importação de leite estrangeiro, aumento da captação ou antecipação do movimento de alta dos preços.

Neste cenário e também focalizando o ano anterior o produtor de leite teve uma ilusão de remuneração, o que pode ser verificado nos diagnóstico acima de 50% dos produtores estão na atividade por ter uma renda mensal, mas segundo os pesquisadores da Cepea 2009 fechou em vermelho, pois a renda bruta foi suficiente apenas para os Custos Operacionais Efetivos (COE) e não para os Custos Operacionais totais (COT) relacionados à remuneração da mão-de-obra familiar e depreciações

Mas nem tudo são lágrimas na base do setor leiteiro, lucro e rentabilidade são bem possíveis. Não é apontando o dedo da inquisição que veremos nosso Estado (nosso sim sou goiana, com orgulho), novamente entre os três maiores e sim buscando atitudes e tecnologias que promova tal ascensão.

Atitudes estas que já estão em andamento, existem dentro do Estado de Goiás, exatamente no município de Santo Antônio de Goiás parte da Embrapa Gado de Leite, é o Núcleo Regional Centro-Oeste (NRCO), uma propriedade de 40,5 ha, uma verdadeira vitrine das pesquisas realizadas por uma equipe de grande prestígio nacional, a Embrapa Gado de Leite. Este núcleo tem a missão de efetuar as pesquisas, mas também promover o acesso do produtor a tais tecnologias e buscar salientar as demandas locais, para isso convênios foram e estão sendo firmados.

Hoje a Embrapa Gado de Leite, em nome do NRCO, tem um grande contrato de colaboração com Associação Goiana dos Criadores de Gir, vinculada a AGCZ, com projetos relacionados ao melhoramento genético da raça, como Moet (múltipla ovulação e transferência de embrião), teste de progênie e prova do leite a pasto, sendo que este último, um estudo mais detalhado da melhor implantação está sendo realizado, pelo Dr. Rui Verneque (Embrapa Gado de Leite) e a equipe da ABCZ. Experimentos relacionados a probióticos, silagem de cana, adubação de pastagens e manejo estratégico de pastagens, também foram realizados.

Outra tecnologia adotada dentro do NRCO é o pastejo rotacionado por altura de entrada e saída, se pensarmos no sistema antigo de rotação (que foi importante) o diagnóstico demonstra que em média apenas 47% dos entrevistados utilizam tal prática, sendo menor na escala até 200 litros dia. Agora se introduzimos o manejo estratégico de pastagem, muito bem defendido pela Dra Roberta Carnevalli, enquanto pesquisadora da Embrapa Gado de Leite, onde o animal entra no piquete quando ele está na qualidade máxima, sem desperdício, teremos um aumento de produção em torno de 20 – 50%, importantíssimo e com uma simples mudança de hábito.

Em relação a qualidade do leite, o uso do kit ordenha manual desenvolvido pela Embrapa Gado de Leite, hoje já adotado por produtores até fora do país, além de promover as Boas Práticas Agropecuárias.

O intuito maior é o de repassar, seja para multiplicadores (técnicos) ou produtores a tecnologias geradas de forma a ajudar no aumento da rentabilidade principalmente com a diminuição do custo de produção.

Um diagnóstico realizado no estado em 2009, em uma amostra de 500 produtores, observou que a grande maioria era de produtores até 200 litros/dia com uso de mão-de-obra familiar. Em relação à receita observou-se que em torno de 25% desta estava relacionada à venda de animais e no COE em torno de 20% está ligado ao fornecimento de concentrado.

Este mesmo diagnóstico delimita que apenas 29,5% destes produtores adotam a tecnologia de fornecimento de concentrado o ano todo e que apenas 39,5% delimitam a quantidade de acordo com a produção animal. Portanto, se compararmos a grande participação da venda de animais na receita do produtor sabendo que poucos adotam uma alimentação mais equilibrada aos animais pode concluir que a simples atuação direta no manejo alimentar poderia efetivamente aumentar a vida útil dos animais, pois em muitos casos o produtor se desfaz da reposição de seu plantel para quitar dívidas, se aumentamos a produção, teríamos uma elevação na capacidade de pagamento do produtor.

Bom e 2011? A meu ver será uma pouca mais difícil que 2010, pois se o motivo maior da desvalorização do leite na entressafra for à antecipação dos preços pagos ao produtor, este ano aconteceu novamente, pois desde outubro de 2010 o preço está em recuperação. O custo produção segundo perspectivas é de aumentar consideravelmente, já sentidos em fevereiro de 2011 quando deparamos com um aumento exorbitante no preço do milho triturado, devido a falta de oferta do material. Assim o kg de concentrado já passa da barreira dos R\$ 0,80, aumentando o custo do sistema.

O novo ano mostra uma cara nada promissora ao produto e temos também para esse ano o fim do prazo da Instrução Normativa 51, Mapa, enfim é a hora exata de arregaçar as mangas e planejar o ano de sua empresa rural, descartando animais improdutivos, evitar desperdícios e investir em produtividade. Bem como buscar parcerias seja com intuições particulares ou públicas como a Embrapa Gado de Leite e outras. E rezar para que eu esteja enganada.

Fernanda Mara Cunha Freitas